

R E I A

Revista de Estudos e Investigações
Antropológicas

Dossiê

Pesquisa em
deslocamento: desafios
teórico-metodológicos

Org. Ferdinando A. A.
Iruretagoyena e Yuri Rosa Neves

Vol. 6, Núm. 2 (2019)

ISSN 2446-6972

REIA

Revista de Estudos e Investigações Antropológicas

ISSN 2446-6972



A **Revista de Estudos e Investigações Antropológicas** (REIA) é um periódico semestral em formato digital criado em 2014 por iniciativa de discentes do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. Além de difundir conhecimento antropológico através de dossiês e números com chamadas abertas e aceitando artigos em português e espanhol, a REIA tem um objetivo formativo para os e as discentes desta instituição em relação aos processos editoriais de forma geral.

Editores

Ferdinando A. Armenta Iruretagoyena
Yuri Rosa Neves

Comissão Editorial

Amanda Priscila Souza Silva
Arlindo José Netto
Daniela Sales de Souza Leão
Ferdinando A. Armenta Iruretagoyena
Francisca Jeannie G. Carneiro
Franckel Moreau
Gilson José Rodrigues
Gláucia Santos de Maria
Jailma Maria Oliveira
Juliana Gonçalves da Silva
Jamilly Rodrigues da Cunha
Jairo Hely Silva
Miguel Colaço Bittencourt
Osvaldo Bogado
Paulidayane Cavalcanti de Lima
Raoni Borges Barbosa
Thiago Santos
Yuri Rosa Neves

Revisão Técnica

Espanhol: Ferdinando A. A. Iruretagoyena
Português: Yuri Rosa Neves

Imagem e ilustração da capa

Ferdinando A. Armenta Iruretagoyena

Diagramação do volume

Ferdinando A. A. Iruretagoyena

Conselho Editorial

Alex Giuliano Vailati (PPGA/UFPE)
Bartolomeu F. de Medeiros (PPGA/UFPE)
Carmen Lúcia Silva Lima (PPGA/UFPI)
Danielle Maia Cruz (UNIFOR/CE)
Edwin Boudewijn Reesink (PPGA/UFPE)
Hugo Menezes (PPGA/UFPA)
Lady Selma Ferreira Albernaz (PPGA/UFPE)
Laure Marie-Louise Clémence Garrabé (PPGA/UFPE)
Leticia Maria Costa da Nóbrega Cesarino (PPGAS/UFSC)
Luciana Campelo de Lira (FACIC/PE)
Marion Quadros (PPGA/UFPE)
Mísia Lins Reesink (PPGA/UFPE)
Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento (UFPI)
Renato Athias (PPGA/UFPE)
Rita de Cassia Domingues Lopes (UFT)

Revista de Estudos e Investigações Antropológicas

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Revista de Estudos e Investigações Antropológicas
AV. Prof. Moraes Rêgo, 1.235. 13º andar
Cidade Universitária
50.670-901 - Recife - PE - Brasil
Telefone: (81)2126-8286
E-mail: revista.reia@ufpe.br

REIA

Revista de Estudos e Investigações Antropológicas

Pesquisa em deslocamento: desafios teórico-metodológicos

Org.

Ferdinando A. Armenta. Iruretagoyena
Yuri Rosa Neves



Programa de Pós Graduação em Antropologia
Universidade Federal de Pernambuco
revista.reia@ufpe.br

Índice

Pesquisa em deslocamento: a antropologia como decalque do presente – pp. 1-6

Yuri Rosa Neves

Ferdinando A. Armenta Iruretagoyena

Movimento e profissionalização do cantador piauiense: convites, abandono e saudade – pp. 7-27

Amalle Catarina Ribeiro Pereira

A fumicultura percebida pelos pés: a propósito da recusa a um Equipamento de Proteção Individual (EPI) – pp. 28-45

Yves Marcel Seraphim

A intuição do tempo no estudo antropológico da prática de carona: notas metodológicas de pesquisa – pp. 46-72

Ana Luiza Carvalho da Rocha

Yuri Rosa Neves

“Esse espalhar noutros horizontes”: dinâmicas familiares y movilidad entre los nikkeis del Vale do São Francisco – pp. 73-101

Martín Fabreau

Marimba en “la nevera”: tránsitos sonoros de la música afropacífica colombiana – pp. 102-131

Juan Pablo Estupiñán

Práticas etnográficas: olhares e percursos em batalhas de poesia – pp. 132-153

Danielle Marcia Hachmann de Lacerda da Gama

Rumos e percursos incertos de uma ciência à deriva: reflexões sobre os paradoxos em torno dos limites e potencialidades da etnografia – pp. 154-177

Luciano von der Goltz Vianna

Pesquisa em deslocamento: a antropologia como decalque do presente

Yuri Rosa Neves
Ferdinando A. Armenta Iruretagoyena

É truísmo afirmar a importância dos deslocamentos. Não há nenhum recanto, na teoria e na vida contemporânea, esteja imune ao movimento das coisas: a organização do espaço, a identificação com o mundo, o constante rearranjo de conexões, mas também a fixação de fronteiras e suas restrições. Não por acaso, Sheller Mimi e John Urry (2005) argumentam pela existência de um paradigma da mobilidade no entendimento do mundo contemporâneo. Por sua vez, James Clifford (1992) proponha repensar, através da metáfora da viagem, a remexida ideia de cultura e o modo pelo qual pesquisadores e pesquisadoras a localizam em seus trabalhos. Ou ainda George Marcus (2001 [1995]) sugerindo a hoje ressoada ideia de etnografia multi-situada, dando conta da emergência de novas formas de abordar objetos de pesquisa conexos na distância. Como nos diria este autor, são esforços motivados pela necessidade conjugar diferentes mundos (2001:115-6), não só pelas manifestações de fenômenos comparáveis e distantes, mas com metodologias e formas de expressão que articulem diferentes processos de conhecimento. Faz muito que a antropologia tem demonstrando esforços para refazer suas ferramentas metodológicas e redirecionar suas orientações epistemológicas. No intuito de ser coerente com o contexto contemporâneo, nossa ciência tornou-se autoconsciente do seu próprio lugar de enunciação. Neste sentido, os artigos reunidos no presente dossiê revelam algumas dessas estratégias e reflexões em torno de pesquisas em deslocamento desde um *locus* antropológico.

O momento em que escrevemos estas páginas não poderia ser mais propício para pensar este tema: o mundo vive uma pandemia sem precedentes em termos de escala e impacto na vida das pessoas. Depois de pouco mais de 3 meses de sua aparição na mídia global, dando a conhecer os primeiros milhares de casos na China a finais de 2019, o vírus já se espalhou por quase todos os países do mundo forçando centenas de milhões ao

isolamento social, paralisando atividades cotidianas, derrubando índices de mercados e levando a escassez de certos produtos.

Ainda estamos longe de saber o desfecho disso, mas é quase unânime entre especialistas como a capacidade de propagação do vírus é o grande vetor de preocupação desta pandemia. Para além de buscar uma origem ou apontar “responsáveis”, se nos desvela uma condição da vida social no presente: a intensa circulação de pessoas, objetos, diretrizes e ideias ao redor do mundo. Se a mobilidade tem sido o *leitmotiv* da pandemia, os trajetos das pessoas são os avatares do vírus, lembrando-nos que o mais afastado de nós fica a uma piscadela de distância. Enquanto antropólogos e cientistas sociais em geral, cabe-nos perceber outras questões à deriva; por exemplo, a diversidade de formas em que se vive a situação, a assimetria entre as pessoas para sobrelevar estas circunstâncias, a aplicação de tecnologias políticas que impactam diretamente na vida das pessoas, os discursos e outras milhares de questões que intelectuais tem se esforçado para pensar neste período.

Antes de apresentar os artigos aqui reunidos, gostaríamos de retomar este trágico cenário e advertir a pertinência dos debates que os autores e autoras abordam. Um deles é o cruzamento com as violências estruturais e desigualdade que acabam por revelar fronteiras e seus resquícios desde outras latitudes (por exemplo, os artigos de D. Gama e J. Estupiñán). No caso da pandemia que estamos vivendo isto se evidencia na forma que cada grupo social tem de responder ao contágio e às complicações de saúde. Ilustrativo desta situação é o primeiro caso de óbito no estado do Rio de Janeiro: uma empregada doméstica de mais de 60 anos que contraiu o vírus da patroa que esteve na Itália (G1 Rio, 2020). Além disso, percebemos o privilégio daqueles com reservas financeiras para ficar de quarentena por meses. Como bem colocou o antropólogo Rodrigo Toniol em recente artigo no jornal Estadão, “Ocorre que se, por um lado, não há seletividade biológica por parte do vírus em uma pandemia, por outro, a distribuição dos riscos é desigual” (2020, s/p).

Em contraparte àquilo que atinge às pessoas estruturalmente, vários artigos neste dossiê se esforçam por falar da tensão entre o estrutural e o subjetivo desde o plano da experiência cotidiana (por exemplo, os artigos de Y. Seraphim, e A. Rocha com Y. Neves). Seja pelo processo de percepção do ambiente ou pela maneira através da qual o sensível revela sua plasticidade, nos enfrentamos a uma situação que altera nossa maneira de dar conta do mundo. Desde que os efeitos do vírus em trânsito constituem novidade e

incerteza, a situação exige de nós a agilidade para responder ao desconhecido (por exemplo, o artigo de A. Pereira). E embora existam protocolos para agir nestes casos, na realidade, improvisamos boa parte de nossas estratégias cotidianas perante a situação. O fato de sermos empurrados à necessidade de improvisar, se torna uma forma de preparação pessoal e coletiva para encarar futuros impasses.

Numa situação crítica como a presente, o discurso nacional das identidades é mobilizado por preconceitos que delineiam um “fora” e um “dentro”. Estes discursos parecem incompatíveis com a composição transnacional de muitos grupos étnicos (por exemplo, os artigos de M. Fabreu e J. Estupiñán). Neste sentido, encontramos ações coletivas, possibilitadas pelas plataformas virtuais (entre outras), que perpassam as instancias nacionais como forma de responder à contingência. A situação em geral, nos coloca ao fim diante da necessidade de pensar numa “epistemologia do andar” (por exemplo, nos artigos de L. Vianna e D. Gama) como uma forma de reconhecer o potencial cognoscitivo do deslocamento no decorrer da produção de saberes. Em outras palavras, abalar a ideia de que o andar tem sido uma forma inextinguível de conhecer o mundo.

Mobilidade, enquanto categoria de pesquisa, é exposta neste dossiê na encruzilhada de duas direções: ora o movimento perpassa as múltiplas formas de ocupar o espaço, ora emerge pelo modo de perceber o mundo. Na tentativa de resumir brevemente os artigos que o dossiê integra, acrescentamos uma terceira categoria desde a qual nos permite organizar as diversas perspectivas aqui expostas: nos referimos a reflexão sobre o fazer etnográfico em e sobre o movimento - uma direção mais carregada epistemologicamente.

Começando pela dimensão espacial do andar, temos o artigo de Yves Seraphim, sobre a recusa dos fumicultores aos Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) nas atividades laborais no Alto Vale do Itajaí, SC. no qual o autor reivindica o caminhar como um autêntico objeto antropológico. Ao analisar os modos de caminhar na roça durante a colheita, Seraphim nos conta sobre o desajuste percebido pelos fumicultores entre um objeto técnico (o EPI) e a destreza necessária para dar conta das atividades de colheita. Trata-se de uma recusa consciente, baseada na sensorialidade podal, assim como na incapacidade das EPIs para se adequar ao ritmo de trabalho condicionado pelo ambiente e pelas demandas laborais.

Por sua vez, Martín Fabreau discorre sobre as dinâmicas de mobilidade entre nikkeis (nipo-descendentes) do vale do São Francisco, tomando como ponto de referência

a saída do filho não primogênito do lar paterno. O artigo esquadrinha a relação entre esse “espalhar-se” e a configuração do território “eticamente segmentado”. Além disso, se apoia em outras dinâmicas de mobilidade conjugadas pelo espacial e o familiar: a saída dos segundos filhos paternos, as viagens para o Japão em qualidade de *dekasseguís* (os que viajam para o Japão por motivos de trabalho) e os que viajam por motivos turísticos.

Carvalho e Neves realizam uma operação diferente às anteriores, se deslocam por uma outra analítica: o tempo. Enquanto em todos os artigos se pensa a mobilidade no espaço, estes autores o fazem através do tempo. Desde o ponto de vista do caroneiro (legitimamente antropológico), os autores nos compartilham fragmentos inteiros do diário de campo e nos colocam dentro das situações de carona no contexto da cidade de Florianópolis. Além disso, a carona é apresentada enquanto uma prática que envolve motivos e personagens diversas, e prossegue de um processo de agenciamento próprio do contexto urbano através dos processos “englobamento” que unem aquilo que a cidade torna descontínuo (as relações sociais, o sentido de duração etc.). Neste sentido, o tempo dos caroneiros decorre numa sequência marcada pelas articulações entre duração e “instante”, na medida que a singularidade da experiência de campo modela formas diversas de compreender a temporalidade para o leitor ou a leitora.

No outro bloco do dossiê, a categoria de mobilidade se cruza com distintas “formas expressivas”, tais como a música e a atividade literária. Em todos os casos, estas categorias organizam-se a partir de eventos ou festivais que aglomeram grandes públicos e artistas de diversos contextos. Juan Pablo Estupiñán se propõe a analisar os trânsitos sonoros da música de marimba entre comunidades afrocolombianas em duas situações etnográficas: *Festival de Música del Pacífico Petronio Álvarez* em Cali e a farra bogotana. O sentido de trânsito refere-se aqui à forma que circulam as sonoridades e os aspectos estéticos que os acompanham. Colocando o foco no papel da patrimonialização da música, o artigo visa reconstruir a trajetória regressa da música de marimba ao redor do território, além dos imaginários e das indústrias culturais que a mobilizam.

Para Amalle Pereira, abordando as trajetórias de repentistas nordestinos, o movimento das pessoas traça-se nas palavras que percorrem uma estrofe e, consecutivamente, nas trajetórias de vida que imprimem paulatinamente suas próprias marcas nos cantadores. Focando-se nos cantadores que transitam por diferentes lugares em decorrência de sua busca de profissionalização enquanto violeiros, a autora atravessa os sentimentos atrelados à partida (como a saudade e a culpa) e à movimentação, assim

como a identidade que daí se forja. Não por acaso, caminhar e improvisar conformam técnicas de composição lírica, mas essas habilidades não se apresentam apenas na cantoria: tornam-se respostas às condições emergentes do percurso.

Outro artigo referente à atividade itinerante dos artistas é o de Danielle Marcia Hachmann de Lacerda da Gama tratando dos *slams* (batalhas de poesia) que acontecem em locais públicos e periféricos da paisagem urbana de Salvador, BA. Através da participação em diversos saraus, lançamentos de livros e rodas de conversa com atores da cena, o artigo nos fala não apenas do deslocamento como objeto, mas também enquanto componente metodológico na pesquisa. O confronto, nas batalhas de poesia, espelha os encontros e as trajetórias dos *performers*/poetas. Corpo e cidade constituem assim a dupla dimensão na qual suas vivências ficam gravadas.

Nesta sequência e representando a terceira dimensão organizativa dos artigos, vinculada ao próprio fazer antropológico, o trabalho de Luciano von der Goltz Vianna instiga-nos a pensar na possibilidade de uma antropologia à deriva como síntese dos debates que versam sobre o suporte epistemológico da etnografia. A proposta coloca-se diante do que autor identifica como um conjunto de paradoxos no interior do *statu quo* da antropologia. Desta maneira, o texto transita entre diversos filósofos numa operação que emula o movimento em questão: andar para se perder a si mesmo.

Por fim, gostaríamos de agradecer aos autores e às autoras que mandaram seus artigos para este dossiê, às pessoas que realizaram os pareceres anônimos, aos membros da comissão editorial e do comitê editorial da revista REIA.

Recife, abril de 2020.

Referências Bibliográficas

- AGIER, Michel. 2011. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Editora Terceiro Nome.
- ANDERSON, Benedict. 2008. *Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 26-70.
- CLIFFORD, James. 1992 "Traveling Cultures." In GROSSBERG, Lawrence; NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A (eds): *Cultural Studies*, pp. 96-116. New York: Routledge,.
- _____. 1998. "Sobre a autoridade etnográfica." In GONÇALVES, José Reginaldo Santos (eds): *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*, pp. 17-63. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

G1 RIO. Governo do RJ confirma a primeira morte por coronavírus. *Globo*, Rio de Janeiro, 19 de março de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/03/19/rj-confirma-a-primeira-morte-por-coronavirus.ghtml>>.

Acesso em: 10 de abril de 2020.

MARCUS, George E. 2001 [1995]. *Etnografía em/del sistema mundo. El surgimento de la etnografía multilocal*. *Alteridades*, 11 (22):111-127

MITCHELL, Timothy. 2006. "Society, Economy and the State Effect". In SHARMA, Aradhana & GUPTA, Akhil: *The Anthropology of the State: a reader*, pp. 169-183. Oxford: Blackwell Publishing.

SHELLER, Mimi & URRY, John. *The new mobilities paradigm*. *Environment and Planning A*. 38 (2):207-226.

TONIOL, Rodrigo. Além do vírus: Não há pandemia sem Estado. *Estadão*, 23 de março de 2020. Disponível em: <<https://estadodaarte.estadao.com.br/alem-do-virus-pandemia-estado/>>. Acesso em: 10 de abril de 2020.